

## O TESOURO DA ALTERIDADE AMAZÔNICA

### NA OBRA DO PADRE JOÃO DANIEL

#### THE TREASURE OF THE AMAZONIAN ALTERITY

#### IN THE WORK OF FATHER JOÃO DANIEL

Henryk Siewierski (UNB)\*

### RESUMO

Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas, de Pe. João Daniel, é um registro de quase tudo que no século XVIII foi possível saber sobre o universo amazônico. Mas o livro não é só isso. É também, e antes de tudo, um registro de uma viagem ao Rio Amazonas, viagem inigualável. O autor revisita o Grão-Pará e Maranhão, terra em que passou 16 anos como missionário; revisita-os sem sair da sua cela no forte de São Julião da Barra, em Lisboa, onde foi preso junto com outros jesuítas portugueses expulsos do Brasil. Essa viagem durou 18 anos, até sua morte naquela masmorra. Ficou o livro-tesouro, cuja leitura, dois séculos e meio depois da expulsão dos jesuítas do Brasil, foi uma forma de tomar o lado do autor em sua expedição virtual contra a corrente da expulsão. A leitura transportava ao forte de São Julião e, de lá, a toda a Amazônia. A inserção na imensidade do universo amazônico passava pelo cárcere. O leitor percorre com Pe. Daniel os rios e a selva, mapeando seu tesouro e milagres, sua fauna e flora, fazendo contato com os homens, compartilhando um sonho da exploração desse tesouro descoberto no rio máximo para o bem da humanidade, sonho de reabitar o paraíso. No decorrer dos seus 16 anos vividos na Amazônia, o autor realizou uma intensa e interdisciplinar pesquisa de campo, colhendo dados sobre a

### ABSTRACT

*Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas, by Father João Daniel, is a record of almost everything that was possible to learn about the Amazonian universe in the 18th century. The book is not only that, though. It is also, and above all, a record of an unrivalled journey to the Amazon River. The author revisits Grão-Pará and Maranhão, where he spent 16 years as a missionary. He describes those provinces without leaving his prison cell at the Fort of São Julião da Barra, in Lisbon, where he was kept with other Portuguese Jesuit priests expelled from Brazil. The journey lasted 18 years until his death inside that dungeon. The book was left as a treasure and, two and a half centuries after the banishment of the Jesuits from Brazil, its contents have become a way to take the author's side in his virtual expedition against the expulsions. Its reading started at Fort of São Julião da Barra, and then to the Amazon. The insertion into the vastness of the Amazonian universe crossed the atmosphere of his prison cell. The reader follows Father Daniel through rivers and forests, mapping their treasures and wonders, their fauna and flora, making contact with people and sharing the dream of exploring this visible treasure in the Great River for the good of humanity, and the*

\* Doutor em Ciências Humanas - Uniwersytet Jagiellonski (1980), mestre em Filologia Polonesa - Uniwersytet Jagiellonski (1974) e graduado em Filologia Polonesa - Uniwersytet Jagiellonski (1973). Atualmente é Professor Titular do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Comparada, Teoria Literária, Literatura Polonesa, Tradução, Literatura Brasileira, Poesia Contemporânea, Estudos Culturais. Atua na Graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Literatura e Pós-Graduação em Estudos de Tradução da UnB.

geografia, o clima, a fauna, a flora e os povos daquela região. Certamente não fora apenas uma ocupação à margem das atividades religiosas do missionário, mas a sua parte integral. Seu conhecimento, assim reunido e guardado nos arquivos da memória, iria se tornar fonte de uma obra monumental, escrita ao longo dos 18 anos que passou nas prisões de Lisboa. As descrições do universo amazônico na obra servem, sem dúvida, à compreensão da população nativa visando a sua conversão ao cristianismo. Mas elas também servem e objetivam, com uma consciência muito clara, a transformação desse universo numa Terra de Promissão também no sentido social, econômico e político. Por esses e outros motivos – como os elementos metanarrativos que evidenciam a dramática situação do escritor, como a crítica dos métodos de evangelização e de colonização em vigor, como o extraordinário arquivo da memória –, o Tesouro de João Daniel se apresenta como uma das mais completas e mais misteriosas obras do gênero; constitui uma das mais abrangentes e mais importantes fontes do conhecimento da Amazônia do século XVIII. Considerando as circunstâncias em que foi escrita, ela é também um inigualável testemunho da vontade de registrar e de compartilhar esse conhecimento com os outros<sup>6</sup>. A comunicação apresentará uma leitura da obra Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas, focalizando a representação da alteridade humana e geográfica e a construção da presença como a resposta à expulsão. A comunicação inclui uma apresentação dos trechos da obra que compõem uma antologia. Os trechos selecionados são transcritos de uma forma que transforma o texto narrativo ou descritivo em texto poético, o que só é possível porque o discurso linear de Pe. João Daniel esconde os tesouros poéticos<sup>7</sup>.

Palavras-chave: Padre João Daniel; Alteridade amazônica; Universo amazônico.

*dream of living in Heaven again. Throughout the 16 years in the Amazon, the author did an intense and interdisciplinary field research, having collected data on its geography, weather, fauna and flora, and its peoples. This was definitely not a mere occupation parallel to the missionary's religious duties, but the core part of his mission. His knowledge, gathered and kept in memoirs, would become the source of a monumental piece of literature, written during the 18 years he spent in the prisons of Lisbon. The descriptions of the Amazonian universe are very helpful for the understanding of the native population towards its conversion to Christianity. They also aim, in a clearly conscious manner, at the transformation of this universe in a Promised Land in all social, economic, and political senses. These and other reasons – such as the metanarrative elements that portray the author's pitiful situation, the critiques of the current methods of evangelization and of colonization, the extraordinary memoirs – the Tesouro by João Daniel is one of the most complete and most mysterious works of its kind; it consists of one of the most comprehensive and most important sources of knowledge on the Amazon of the 18th century. Considering the circumstances of its conception, the book is also an unmatched testimony of the author's will to register and share this knowledge with others. This communication will present an interpretation of Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas. It focuses on a representation of the human and geographic alterity and the construction of the presence as a response to banishment. It involves the presentation of excerpts of the book, which constitute an anthology. The selected excerpts are transcribed in such a way that the narrative or descriptive text is adapted to the poetic genre. This is only possible because the linear discourse of Father João Daniel embeds its poetic treasures.*

*Key-words: Father João Daniel; Amazonian alterity; Amazonian universe.*

<sup>6</sup> DANIEL, João Pe. Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas. Vol. 1-2. Apresentação de Vicente Salles. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

<sup>7</sup> O primeiro trecho citado é extraído e transcrito do vol. I, p. 41-43, o segundo do vol. I, p. 263-267 e o terceiro do vol. II, p. 133, da obra citada do Pe. João Daniel.

## RESUMEN

*La Comunicación presentará una lectura de “tesoro encontrar en la mayor parte del río Amazonas”, el Rev. John Daniel, centrado en la representación de lo humano y la alteridad geográfica y la construcción de la presencia como una respuesta a la expulsión. La comunicación incluye una presentación de extractos de “tesoro descubierto máxima Río Amazonas” que conforman una antología. Los extractos fueron transcritos de manera que transforma texto narrativo o descriptivo en el texto poético, que sólo es posible porque el pensamiento lineal del Padre Juan Daniel esconde los tesoros poéticos.*

*Palabras clave: Alteridad; Amazon; Discurso lineal.*

1.

Grande rio Amazonas  
cortando bem pelo meio  
da Equinocial  
este Novo Mundo  
o divide igualmente  
em meridional e setentrional  
ficando-lhe nas cabeceiras  
o estreito de Panamá  
que impedindo-lhe  
a comunicação  
com o mar Pacífico  
constitui e faz comunicáveis  
uma a outra América  
repartidas igualmente  
em duas grandes penínsulas  
pelo Amazonas  
este mar natante  
bicha de duas cabeças  
gigante de dous braços  
cortando tanto mundo no seu dilatado curso  
não tem em tanto espaço alguma cachoeira  
mas também nisto se mostra singular a todos  
e para nos intimar que quem nasce  
para ser grande no mundo não deve  
ser arrebatado em catadupas  
mas muito pacato e pacífico  
como é o grande Amazonas

2.

Os habitantes  
e naturais índios  
do grande Amazonas  
são gente também  
disposta e proporcionada  
como as mais da Europa  
menos nas cores  
são avermelhados  
e tismados do sol

são de cara lavada  
 ou deslavada  
 não tem cabelo algum na barba  
 enquanto meninos são lindos  
 algumas fêmeas há que  
 além das suas feições finíssimas  
 tem os olhos verdes  
 e outras azuis  
 com uma esperteza  
 que pode ombrear com  
 as mais escolhidas brancas  
 a formosura não consiste  
 nas cores mas na miudeza  
 e fino das feições  
 e boa e bem regulada  
 proporção dos membros  
 há opiniões de que são  
 descendentes dos judeus  
 talvez são a tribo  
 que se separou das mais

### 3.

São as riquezas do rio Amazonas e o tesouro  
 a grande fertilidade das suas terras  
 as preciosas especiarias das suas matas  
 e as copiosas colheitas dos seus frutos  
 porque nos frutos da terra e bens estáveis  
 consiste a mais estimável riqueza dos homens  
 e não nos ouros pratas e preciosas gemas  
 que de repente se podem perder  
 e desaparecer em um momento

1. Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas do Pe. João Daniel, registro de quase tudo que no século XVIII foi possível saber sobre o universo amazônico, é também um documento singular de uma vida missionária. O autor, após 16 anos da missão realizada, no Grão-Pará, e, no Maranhão, continua em uma intensa ligação com a Amazônia, ao longo de 18 anos passados nas prisões de Portugal, sobretudo, no forte São Julião

da Barra, em Lisboa, onde foi encarcerado junto com os outros jesuítas portugueses expulsos do Brasil, e local no qual morreu em 19 de janeiro de 1776.

Assim, a discordância do Diretório dos Índios, lei editada em 1755 pelo Marques de Pombal, é apontada como motivo da prisão e extradição do Pe. João Daniel; essa lei foi implementada pelo Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Marques. De fato, a obra do Pe. João Daniel escrita depois na prisão, pode ser considerada, também, uma resposta ao Diretório que extinguiu o trabalho missionário dos jesuítas nos aldeamentos<sup>8</sup>.

Não faltam até hoje os que o colapso da Companhia de Jesus atribuem ao triunfo da razão iluminista. Porém, os estudos mais recentes, evidenciando a complexidade das relações entre os jesuítas e o Iluminismo, bem como a contribuição deles para a ciência nos séculos XVII e XVIII, reforçam a opinião de que os jesuítas faziam parte integrante da ciência e da cultura do Século das Luzes, e que a destruição destes não foi tanto consequência do Iluminismo, quanto das ações e dos interesses políticos<sup>9</sup> vigentes naquela época.

No decorrer dos seus 16 anos vividos na Amazônia, João Daniel fez intensa e interdisciplinar pesquisa de campo, colhendo os dados sobre a geografia, o clima, a fauna, a flora e os povos daquela região. Certamente, não deve ter sido apenas uma ocupação à margem das atividades religiosas do missionário, mas a parte integral da missão desse religiosos, pois o conhecimento, assim reunido e guardado nos arquivos da memória, tornar-se-ia fonte de uma obra monumental, escrita ao longo dos 18 anos nas prisões de Lisboa. Dessa forma, foram muitos os que partiram ao favor ou contra a corrente do grande rio em busca do tesouro. O Pe. João Daniel descobriu o tesouro maior, a própria Amazônia. Tomar posse desse tesouro, apropriar-se dele, enriquecer, não era para ele outra coisa a não ser o conhecimento, o mais amplo e mais preciso possível, bem como o compartilhamento dessa riqueza com os outros.

<sup>8</sup> QUADROS, Eduardo Gusmão de. Luzes e sombras sobre a alma nativa: dois jesuítas expulsos da Amazônia. In <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/GT48Eduardo.pdf>.

<sup>9</sup> WRIGHT, Jonathan. The Jesuits. Missions, Myths and Histories. London: HarperCollins Publishers Ltda, 2004, p. 145.

2. Entre os motivos de inúmeras descrições dos países e dos povos com que os jesuítas e outros missionários brindavam os leitores na Europa, bem como os destinatários de suas cartas em geral, a curiosidade certamente deve ser enfocada como um dos principais motivos que levava milhares de jovens da Europa a escolher uma vida nômade nas trilhas das missões do vasto mundo. Dessa maneira, as descrições publicadas, na Europa, respondiam aos ansiosos e curiosidades do outro, da expectativa das histórias fantásticas e dos relatos das aventuras dos exploradores das terras longínquas. Assim faziam sucesso, por exemplo, *Nouveaux Mémoires sur l'état present de La Chine* de Pe. Louis-Daniel Le Comte (1697) ou *Orinoco ilustrado* do Pe. José Gumilla (1745).

Deste modo, os relatos das missões publicados, na Europa, serviram para incentivar a vinda dos novos missionários, e ainda para o florescimento desse gênero e da multiplicação dos padres escritores.

Por isso, as descrições feitas pelos missionários devem ser vistas, também, por um outro ângulo, o da relação com a principal finalidade das missões, ou seja, a propagação da fé, a conversão e a salvação das almas, pois como observa Jonathan Wright, “a descrição da sociedade significava a avaliação do seu potencial espiritual, sua capacidade inata de receber o evangelho”<sup>10</sup>. Independentemente dessa função pragmática da descrição que avalia para converter, ela já em si estabelece uma relação de conversão entre quem vê/descreve e o que é visto/descrito, enquadrando o outro no sistema de signos do missionário, adaptando-o a visão do mundo deste. É uma relação de domínio, o que não exclui a possibilidade do missionário/escritor ser também dominado, e de certo modo convertido, pelo mundo que resiste a ser enquadrado no seu sistema de cultura.

O Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas do Pe. João Daniel reúne todas as características acima mencionadas da produção missionária: a curiosidade pelo outro, a descrição e a avaliação em função da obra evangelizadora, a recordação saudosa da igreja que estava sendo construída, e – ao contrário de muitas outras obras escritas depois da expulsão – a alimentação da esperança de que essa construção continuará e

que as experiências vividas devem servir de incentivo e de preparação para os futuros missionários. Assim, as descrições do universo amazônico, na obra do Pe. João Daniel, servem, sem dúvida, a compreensão da população nativa, visando a conversão, desse povo, ao cristianismo. Mas elas ainda provocam e objetivam com uma consciência muito clara, a transformação desse universo, numa Terra de Promissão também no sentido social, econômico e político.

Por esses e outros motivos – como os elementos metanarrativos que evidenciam a dramática situação do escritor, como a crítica dos métodos de evangelização e de colonização em vigor, como o extraordinário arquivo da memória – o Tesouro de João Daniel se representa uma das mais completas e mais misteriosas obras do gênero, bem como uma das mais abrangentes e mais importantes fontes do conhecimento da Amazônia do século XVIII. Considerando as circunstâncias em que foi escrita, ela é, além disso, um inigualável testemunho da vontade de registrar e de compartilhar esse conhecimento com os outros<sup>11</sup>.

3. A obra do Pe. João Daniel viu a luz do dia somente no século XIX, há trinta e três anos foi publicada com as suas seis partes divididas em dois volumes. Desde 1810, o manuscrito das primeiras cinco partes do Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas encontra-se, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e foi trazido por dom João VI para o Brasil, em 1808. A sexta parte foi perdida e encontrada depois na Biblioteca de Évora. Nos anos 1820, 1840 e 1878, a obra foi publicada em edições parciais. Apenas, em 1976, a Biblioteca Nacional estabeleceu e publicou todas as partes conhecidas do manuscrito, reeditadas em 2004 pela editora Contraponto<sup>12</sup>. Porém, esta ainda não foi a versão completa do Tesouro, uma vez que poucos anos

<sup>10</sup> Outro texto jesuítico escrito nas prisões portuguesas entre 1772 e 1776, que foi preservado e chegou aos nossos tempos é o de Pe. Anselm Eckart, cuja tradução em português foi editada pela editora Loyola, em 1987, sob o título *Memórias de um Jesuíta prisioneiro de Pombal* [1791].

<sup>12</sup> DANIEL, João Pe., *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Apresentação de Vicente Salles. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, Vol. 1- 2. Todas as citações desta obra serão localizadas no presente texto como com o número do volume (romano) e o número da página (árabe) em colchetes.

<sup>10</sup> WRIGHT, Jonathan. Op. cit., p. 68.

depois, foram descobertos, no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa pelo Antônio Porro, os capítulos da Terceira Parte, faltantes nas edições anteriores<sup>13</sup>.

A leitura de Tesouro descoberto no Máximo rio Amazona do Pe. João Daniel evidencia o caráter híbrido e enciclopédico, dessa obra, com as características do relato de viagem etnográfica, reconstruída pela memória na situação de encarceramento, mas também um tratado que apresenta diversos projetos de intervenção no processo histórico de colonização daquela região. Na representação da alteridade humana e geográfica, as atitudes do autor diferem das práticas ocidentais da época, que sistematicamente homogeneizaram o que era heterogêneo. Os trechos metanarrativos retratam a dramática situação do autor, ainda confirmam a própria inconformação e reforçam a hipótese de ser a essa obra uma resposta a expulsão por meio da construção da presença. É a experiência do próprio autor, gravada na sua memória, que constitui a principal base dessa construção, subsidiada com a memória das leituras e das descrições do universo amazônico e, com a memória dos missionários encarcerados junto com ele.

O primeiro volume da edição de 2004 compõe a summa do conhecimento de geografia, fauna, flora, minerais, história e dos povos da Amazônia. O segundo volume é dedicado às questões relacionadas às missões, à agricultura, à pesca, à navegação, à indústria, ao comércio e à organização da vida social.

As descrições da natureza e dos seus fenômenos, das paisagens, da fauna e flora e das diversas curiosidades comprovam os olhos e os ouvidos sensíveis do observador, além disso, indicam uma postura do leitor para quem a terra era um grande livro. Ele descreve o que tinha visto e, ao mesmo tempo, lê, interpreta, a seu modo, o que não pode ser visto, mas que se nos apresenta por meio dos signos da escrita da terra ou da memória dos seus habitantes. Fazem parte do tesouro da Amazônia, os mitos e as lendas ali encontrados, entre eles, as histórias sobre os homens-peixes que vivem nos rios e saem à noite para espantar os pescadores, sobre a Pedra Maravilhosa, a qual possui em si todas as pedras preciosas, sobre o lago dourado e o que

transforma em pedra cada um que ousasse nele entrar. O Pe. Daniel está aberto ao mais do que captam os sentidos e a razão e, por isso, ao registrar as histórias maravilhosas dos povos da Amazônia, não manifesta descrença, porém, geralmente toma o lado das verdades que elas representam.

Esta atitude aberta manifesta-se junto às relações do autor do Tesouro com os índios da Amazônia. Ele não esconde a distância que deles o separa, não hesita até de chamá-los “feras selvagens”, nem os que vivem “à lei da natureza, sem Deus, sem Lei e sem Rei, conforme a vontade de cada um” (I,318). Não o comovem as crenças religiosas desses, as quais define, simplesmente, como uma espécie de idolatria ou um culto do satanás. Entretanto, ao mesmo tempo, apoia decididamente o lado desses nativos, defendendo a dignidade humana e denunciando todas as formas de escravidão desse povo, bem como os métodos de evangelização a qualquer preço, inclusive o da renegação dos princípios cristãos com o uso das manhas da retórica e a exploração dos convertidos.

4. Na Parte Quarta do Tesouro, ao apresentar a “maestria e indústria com que os índios e europeus do Amazonas se utilizam dos seus haveres, na agricultura dos campos, no benefício das terras, e na colheita dos seus gêneros” (II,13), João Daniel chama a atenção para ineficácia da agricultura indígena, pretendendo convencer aos habitantes da Amazônia das grande vantagem que terão de uma nova praxe; esta será apresentada na Parte Quinta (II,15). A descrição da situação, atual, visa a satisfazer a curiosidade dos leitores, mas sobretudo a mostrar que o grande potencial do Amazonas é aproveitado em grau muito pequeno.

Desse modo, as terras do Amazonas “depois de servirem uma só vez em um só ano, ficam totalmente inúteis a seus donos. E por isso os índios miudamente largam os sítios, e mudam paragens buscando matas capazes de roçarem; e alguns o fazem todos os anos, assim os bravos do mato como os mansos” (II,18). A narração do processo de uma queimada é interrompida por uma digressão: “enquanto pois arde o fogo na mata seca”, o autor fala das circunstâncias e das inconveniências dessa praxe de benefício das terras para a agricultura (II,18-19).

13 PORRO, João. Um tesouro redescoberto: os capítulos inéditos da Amazônia de Pe. João Daniel. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2006, n. 43, p. 127-147.

João Daniel descreve as plantações de milho (maniva), observando que as terras do Amazonas, por serem muito alagadas, seriam mais adequadas para milho e outros grãos do que para a farinha-de-pau. Fala também dos cacauais, das plantações de arroz, de milho, de legumes, produzidos sem se lavrar ou cavar as terras.

A agricultura no Amazonas depende dos escravos, diferentemente do que na Europa. Os brancos se acomodam a costumes dos índios na agricultura “por serem eles os mesmos operários dos brancos, e por isso trabalham a sua moda”. Parte Quinta mostrará uma alternativa a tão alto custo da produção de farinha-de-pau e da economia amazônica em geral (II,33).

Esta síntese da agricultura do Amazonas ressalta a dependência de “muita escravatura” (II,37). A descrição detalhada de engenhos de açúcar e das feitorias de aguardente exhibe as perdas por causa de falta de transporte público (II,45). Já Pe. Antônio Vieira aconselhava que se pusesse no Amazonas pelo menos dois barcos públicos, mas até 1757 nada foi feito.

5. A descrição do universo amazônico nas primeiras quatro partes da obra constitui apenas um primeiro passo para a construção da presença à revelia da expulsão. A parte considerada principal pelo autor é a Parte Quinta,

Em que se mostra um novo e fácil método da sua agricultura, o meio mais útil para extrair as suas riquezas e o modo mais breve para desfrutar os seus haveres para mais breve, e mais facilmente, se efetuar a sua povoação e comércio (II,133).

Nesta parte, é exposto um projeto complexo de intervenção no processo de colonização, evangelização e desenvolvimento econômico da Amazônia, visando a eficácia desse processo, ainda aos avanços sociais, principalmente, no que tange a situação dos povos autóctones e as condições de vida de todos os moradores. A Sexta Parte é uma complementação da quinta,

Contem inventos úteis, e curiosos para a melhor navegação fazendo prósperos todos os ventos ainda os mais ponteiros, e contrá-

rios, e para fazer nas calmarias boa viagem. Com nova invenção de represar as marés, para moerem fábricas e engenhos de moto contínuo, crescem algumas outras idéias de engenhos manuais para serrar madeira, fazer açúcar, e muitos outros não menos curiosos que úteis à vida humana (II,545).

Nas partes anteriores, João Daniel quis mostrar a grandeza do tesouro do Amazonas e, na Parte Quinta, pretende expor novos, mais eficientes modos da exploração da terra, definindo o tesouro em oposição a noção tradicional:

O tesouro do que falo é a grande fertilidade das suas terras, as preciosas especiarias das suas matas, e as copiosas colheitas dos seus frutos, porque nos frutos da terra e bens estáveis consiste a mais estimável riqueza dos homens, e não nos ouros, pratas, e preciosas gemas (II,133).

Diante da fertilidade prodigiosa e extraordinárias condições de cultivo no Amazonas, a fadiga do lavrador europeu merece compaixão (ibidem). Mas a diferença das condições que o europeu encontra neste “labirinto das matas”, exige um conhecimento prévio para que ele não se perca, e esse conhecimento João Daniel quer oferecer ao futuro explorador e morador do Amazonas. “Nesta dificuldade pois, servirá de diretório a praxe que ensina esta Parte Quinta, com a qual não só se não perderão os novos colonos, mas se saberão utilizar para viver com fartura, e para enriquecer com brevidade” (II,135). Sem se referir diretamente ao Diretório pom-balino, João Daniel sinaliza aqui claramente a intenção polêmica em relação ao documento, o qual impôs as medidas que puseram fim a prática missionária jesuítica no Amazonas.

No Tratado Primeiro da Parte Quinta, antes de apresentar a nova praxe observada na agricultura e na economia do Amazonas, João Daniel faz uma síntese da economia antiga:

1º o cultivo caro da mandioca, ou farinha-de-pau como sustento ordinário daqueles habitantes, 2º a serventia dos moradores pelos rios em embarcações próprias, e com próprios escravos, para a sua equipagem, 3º a falta de barcos comuns, e falta de escravos para a precisa serventia pelos rios, 4º o

comércio do sertão com a repartição dos índios convertidos das missões, 5º a precisão de muitos escravos, que pedem e necessitam todas estas feitorias (II,139).

Para implementar o “novo método” vai ser necessário:

1º desterrar por uma vez a mandioca, e farinha-de-pau, metendo em seu lugar os trigos, e mais sementeiras da Europa, 2º meter em praxe o uso de barcos comuns para serventia de todos, como usam na Europa, e mais mundo (II,140).

Mandioca – chamada também, madeira moída, “veneno” – é um produto extremamente laborioso, exige um contínuo desmatamento (II,141), “pede cada ano novas matas”, e por isso, ela é “um erro” e deve ser desterrada. (II, 147). Considerando um dos principais tesouros da Amazônia “as preciosas especiarias das suas matas”, o autor projeta o desenvolvimento da Amazônia de forma que ocorra a preservação desse tesouro, aproximando-se, portanto, à concepção moderna do desenvolvimento sustentável.

Há uma necessidade de barcos e feiras públicos para que a população toda possa ter acesso aos bens alimentícios e não só os que têm escravos (II,144), ainda ressalta no tópico anterior.

Então, as terras do Amazonas estão ainda “tanto em embrião, como estaria o mais mundo no seu princípio” (II,145). Os matos são incultos, mais férteis do que de todo mundo, por esse motivo, o Amazonas é terra prometida, enquanto a Europa é vista como uma terra dos expulsos do paraíso.

As campinas usadas para pastos, podem ser também utilizadas para agricultura. O autor critica a agricultura das matas, nas quais não entra arado por causa das raízes; essas searas só produziriam um ano e precisariam ser feitos novos desmatamentos. São terras móveis, todavia a base da agricultura nova devem ser as terras estáveis, como na Europa.

Desta forma, o novo modo proposto de cultivar a terra, é o velho método dos índios bravos, que não derubam as árvores grandes, mas só as fazem secar, cortando a casca dessas em roda e cortando, secando e queimando os arbustos e cipós por baixo. Assim, não se precisa muita gente (escravos), a madeira é aproveita-

da e há mais terreno para plantar no meio das árvores, que ficam como mastros dos navios. E, futuramente, apodrecendo as raízes e caindo as árvores, podem ser transformadas as terras móveis em terras estáveis, em que pode ser usado arado.

Considerando a estabilidade a maior riqueza dos moradores, João Daniel fala das inconveniências das terras móveis e das vantagens de agricultura de terras estáveis, que não obrigam os moradores a mudarem de lugar. A agricultura do Amazonas, segundo a atual praxe, traz mais danos do que proveitos, mais abuso do que uso das matas (II,159), e o cultivo da maniva é um grande impedimento para a povoação daquela região, além de ser também um “insípido veneno”. O desenvolvimento do Amazonas vai depender, segundo o autor do Tesouro, do cultivo de trigo, que deve dar os bons resultados, como acontece nas terras da Índia e da África, nas quais as condições climáticas são parecidas. Da mesma forma, os milhos graúdos têm grandes vantagens em relação a maniva e todas as suas castas dão bem nas terras do Amazonas. Recomenda também o cultivo do arroz, “um dos mais estimados legumes do mundo” que também pode ser usado em lugar de pão, como ocorre na Índia, na China e na África. Fala das várias castas, das quais podem se aproveitar os habitantes do Amazonas e que pode ser exportado para Europa.

Desse modo, são várias as vantagens do cultivo de searas de trigo, milho e arroz em lugar de maniva: precisa de menos gente e dispensa escravos, precisa só alguns meses para ser colhido e não um ano como a maniva.

Enquanto, na Europa, a razão da pobreza é a falta de terras para cultivo, no Amazonas, a é o cultivo de maniva e o uso de farinha-de-pau. João Daniel conta o drama dos europeus que chegam a Amazonas e ficam pobres e mendigos, com exceção aqueles com um bom casamento e dote de escravos conseguiram se estabelecer naquela terra. Ele critica o fato de brancos adotarem o uso de farinha-de-pau dos índios, em vez de beneficiar melhor a terra e introduzir as searas europeias. Com a “justíssima lei de libertação dos índios”, de 1757, muitos ficaram pobres, entretanto, segundo o autor, não é a falta de escravos a causa desta pobreza, mas o cultivo de maniva. Fala da dependência do se-

nhor dos seus escravos – e esse é o argumento forte para desterrar a maniva, bem como para acabar com a escravidão.

A verdadeira riqueza do mundo consiste não em “amontoar escravos”, contudo em formar terras em semeadura dos graus: milho, trigo arroz etc. João Daniel preocupa-se com os novos povoadores do Amazonas, quer os prevenir para não repetirem os erros dos antigos. Fala das providências que devem ser tomadas para sustentar esses novatos nos primeiros seis ou doze meses, para que eles possam se dedicar a agricultura, sem a necessidade de terem escravos. Enfatiza ainda que manter os escravos é muito dispendioso, nem sempre vale a pena, porque eles “comem mais do que trabalham” (II,204). Aponta vários outros inconvenientes de ter escravos.

Do ponto de vista econômico, a posse de escravos não se justifica devido aos gastos muito elevados para os sustentar e a baixa produtividade destes. Os escravos roubam os seus donos e são vingativos. Vendem aos senhores o que roubam deles. Matam os outros escravos que são fieis aos seus senhores. Os senhores dependem dos escravos e são explorados por eles. A culpa é da maniva e da falta dos barcos públicos. Pois sem essa mão de obra é impossível, na falta do “povo miúdo” e jornaleiros plantar mandioca e viajar pelo Amazonas.

Os moradores do Amazonas alegam que a necessidade de navegação exige a posse de um grande número de escravos, uma vez que “os brancos não são afeitos a remar (nem a nenhum outro trabalho)” (II, 215). Esta praxe de utilizar índios para remar, João Daniel considera muito violenta e injusta aos que estão na própria terra. É como se os índios viessem a Portugal, obrigando os portugueses a servi-los – diz ele. (II, 215).

Com a navegação restrita às canoas de propriedade particular, unicamente, os ricos podem ser bem servidos, e mesmo eles, precisam transferir escravos de outros serviços para servirem de remeiros. Perdem se muitos bens do interior e, também, o transporte de minas fica muito caro e prejudicado. Com a introdução de barcos comuns não haverá precisão de escravos, nem de perseguir os índios e desacomodar missões. Haverá grandes vantagens para transporte, inclusive de

gado vacuum e minerais, bem como para a administração do Amazonas.

Nas povoações do Amazonas “nada de preciso” se acha nas praças públicas, não há mercados nem feiras. A introdução dos barcos de carreira e de aluguel pode mudar essa situação. Retomando a ideia do Pe. Antônio Vieira, João Daniel propõe a circulação de dois barcos de carreira grandes, equipados com remeiros índios voluntários e pagos, um ou dois de cada das oitenta missões. A previsão deste é, no futuro próximo, o Amazonas terá barcos e canoas públicos (II, 229). E o jesuíta preso quer dar a sua contribuição para o sucesso dessa navegação futura, no Amazonas, apresentando na Parte Sexta da sua obra as duas invenções – a de navegação com ventos contrários, e a de navegação nas calmarias. Essas e outras invenções do Pe. Daniel, uma manifestação da presença participativa à revelia da expulsão e das funestas consequências, fazem parte de um projeto, inédito naquela época, de desenvolvimento amazônico, inclusive um desenvolvimento sustentável.

6. O objetivo dos missionários era civilizar os índios que viviam “como feras nos matos”, entretanto, eles também sabiam ensinar aos portugueses as coisas, por exemplo, como se fazia as canoas. Dessa maneira, João Daniel descreve como os índios fazem as suas canoas, em que são mestres dos quais os brancos têm muito a aprender. Fala também da rara habilidade dos índios para todos os ofícios (II,48).

Desse modo, a diferença entre o tratamento dos índios nas missões portuguesas e espanholas é grande. O autor faz grave denuncia ao tratamento dos índios pelos portugueses, para os quais as missões servem para escravizar e explorar os índios, e quando se tornam católicos “são tratados pior que escravos” (II,58). É diferente nas missões espanholas, nas quais “não entram brancos europeus que obriguem e perturbem os índios católicos a seus serviços” (ibidem). Nas missões espanholas, não há obrigação de os neófitos servirem aos brancos e remarem as suas canoas. A repartição, nas missões portuguesas, prejudica até a educação musical dos índios, que tanto os atrai. Logo depois de formados, são obrigados a trabalhar para os brancos

e remar canoas destes. Nas missões espanholas, não existe a repartição dos índios, dessa forma, são mais prósperas e felizes a vida deles.

Mesmo que João Daniel reconheça as vantagens para os índios de se tornarem cristãos pelo “grande prêmio no céu”, ela faz graves denúncias da exploração dos convertidos, da instrumentalização das missões pelos colonos e civis, da escravização dos índios. Os missionários portugueses precisam os acariciar e mimar, o que não passa de uma forma de os enganar, porque depois de seu descimento e conversão serão explorados como escravos (II,58-61). “Ah! Se bem se ponderasse quão grande obstáculo e impedimento são os serviços dos brancos à promulgação do Evangelho e bem dos índios...” (II,59). Seria um absurdo obrigar cristãos novos, na Europa ou na Ásia, e obedecerem e trabalharem gratuitamente para os europeus, e como o não é para os índios do Amazonas? – pergunta João Daniel com ousadia (II,59). É por essa ousadia que a Companhia de Jesus pagou o preço tão alto: “Por acudirem pelos índios, foram os jesuítas por três ou quatro vezes levados fora daquele estado” (II,59).

Ao falar dos missionários, das missões e da repartição dos índios, João Daniel denuncia a exploração e os abusos desse povo, praticados pelos brancos contra a lei que é boa, mas não observada. A diferença entre os missionários regulares (jesuítas) e clérigos (diocesanos) é que os primeiros administram as missões “assim no espiritual como no temporal” (II,66) e os segundos somente no espiritual. Ele fala como gastam o dinheiro os jesuítas: “eles o gastam com as igrejas e com os índios como se fossem só administradores e não senhores”, II,67). Fala do ódio dos seculares aos missionários por eles defenderem os índios (II,68). Cita um ditado: quem vai ao sertão deixa a consciência (ibidem). Denuncia o comportamento escandaloso dos militares (II,73).

Na descrição das longas viagens dos sertanejos (de seis a oito meses) para as colheitas (cacau, cravo, salsa, manteiga de tartaruga), João Daniel denuncia haver a exploração dos índios obrigados a remar (II,80). Conta uma história em que um índio tinha matado um branco e comenta: “foi digna pena de sua crueldade” (II,92). Faz, também, uma veemente crítica da insaciabilidade dos brancos (II,93).

Depois de descrever a criação do gado e do pastoreio no Amazonas, João Daniel chama à atenção a precariedade da pesca e a importância de serem realizadas medidas para o seu desenvolvimento:

É notável a falta de providência, e economia, que há no Amazonas sobre o peixe, porque não usam, nem há pescadores comuns, e peixe de venda, por cuja razão, sendo inumerável a multidão, e variedade de peixe, que criam aquelas águas (...) vêem-se obrigados a ter cada morador seu pescador, ou pescadores próprios seus escravos” (II,111).

A criação de embarcações e de mercados públicos tornaria dispensáveis os escravos e mudaria substancialmente a situação dos colonos no Amazonas, “onde não basta ter dinheiro para passar bem, é necessário ter quintas, e ter escravos” (II,121). Denuncia a exploração dos índios pelos vendedores – “resgates” (II, 123), a falta de escrúpulos dos brancos, bem como a ignorância dos índios (II,124), embora eles também sabem enganar os missionários (II,125). Fala da indústria com que os índios tiram fogo e fabricam a sua louça, da “filosofia natural” (II,128) e de quanto os brancos deles aprendem (II,129).

João Daniel é contrário ao método de atrair os índios com as vantagens temporais e aconselha que por motivos da fé e não outros se movam a abraçar o cristianismo. Para convencer os índios que abandonem as terras no interior dos matos e se transfiram para as aldeias missionárias, os jesuítas usam argumentos que pouco têm a ver com a ação evangelizadora. Prometendo a segurança, a liberdade, a abundância de alimentos e de instrumentos de ferro, utilizando-se, portanto, de “santos enganos”, os missionários atraem os índios para as suas aldeias e só depois começa a catequização. Compreendendo as causas dessa estratégia em condições da Amazônia, o Pe. João Daniel aconselha, no entanto, um método bem diferente:

Eu porém, não reprovando estas indústrias daqueles missionários, mais aconselharia o método comum dos mais missionários nas mais missões do mundo, isto é, que clara e descobertamente se lhes proponham logo as verdades católicas, e os motivos da nossa fé, para que por estes, e não por outros interesses temporais se movam aqueles

brutos a abraçar a fé. Pois a sua rusticidade, e brutalidade não é bastante razão para lhes encobrir o principal intento da sua salvação. Antes pelo contrário me pareceu que antes essa sua rusticidade é mais apta para melhor se lhes imprimirem as verdades católicas (...). Não seremos pois aptos instrumentos da conversão dos índios, se não lhes propusermos os motivos da fé, supra naturais, e divinos (...)" (II,378-9).

Avesso a que se utilize os argumentos terrenos para atrair os índios, o Padre Daniel não quer, no entanto, que se passe para eles os instrumentos de ferro antes de se converterem, para souberem que "só os católicos podiam usar desses instrumentos" (II, 384). Ele justifica essa atitude pelo fato de que os índios usam os instrumentos de ferro, fazendo guerra aos brancos, portanto, a própria segurança dos missionários exige essa restrição, mesmo que a maior garantia da segurança, desse missionários, seja a fé e o amor dos pastores ao seu rebanho (II, 385).

7. Tesouro descoberto no rio Amazonas representa ainda um dos maiores atos de resistência ao terror pombalino e um fortíssimo argumento contra as justificativas da expulsão e da punição dos jesuítas. O novo "diretório" do Padre Daniel não foi menos avançado do que O diretório dos índios do Marques de Pombal, mas com certeza, estava fundamentado no maior conhecimento da Amazônia e dos seus povos. O ódio a Companhia de Jesus e a ânsia pelo poder absoluto levaram este ministro do D. José I a eliminar os que podiam ser os seus melhores aliados no processo de colonização baseado, no reconhecimento da racionalidade, na capacidade dos povos nativos, e, no potencial libertário e civilizatório da ação educativa. O Pe. João Daniel discordava das leis que extinguíam o trabalho missionário dos religiosos nos aldeamentos, entretanto, muitos princípios dessas leis estão presentes na sua obra, a qual, além disso, também em sensibilidade ecológica ultrapassava o horizonte dos seus tempos.

Não seria fácil classificar a obra do Pe. João Daniel. Ela é sem dúvida uma das mais abrangentes descrições do universo amazônico da época, contudo, também é um tratado, que visa a transformação do meio social e religioso de uma época. O discurso fei-

to pelo Pe. João Daniel possui todas as características do relato de viagem etnográfica, porém não dispensa recursos poéticos nem sistematização enciclopédica, inclusive em forma de abecedário. A recordação das experiências próprias constitui uma fonte principal, isto é, o recurso da memória das suas leituras de antes de ser preso, bem como da memória dos companheiros do cárcere.

Embora, mesmo com tempo passado desde a missão do Pe. João Daniel no Grão-Pará e no Maranhão, a missão não é interrompida nem nas masmorras de Portugal, surgiram tantas outras descrições do mundo amazônico, mesmo que hoje se saiba bem mais do que guarda o seu Tesouro e as suas invenções não têm mais chance de aplicação, o valor desta obra não é apenas o valor histórico. A riqueza da linguagem e da imaginação, a dimensão interdisciplinar, a base firme da experiência e da meditação, o reconhecimento do valor da biodiversidade e da dignidade do outro, a opção pelo desenvolvimento sustentável, fazem com que o Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas mereça ser chamado hoje "a Bíblia Ecológica da Amazônia" e o seu autor Camões dos trópicos<sup>14</sup>.

## REFERÊNCIAS

DANIEL, João Pe., Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas. Apresentação de Vicente Salles. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, Vol. 1- 2. Todas as citações desta obra serão localizadas no presente texto como com o número do volume (romano) e o número da página (árabe) em colchetes.

PORRO, João. Um tesouro redescoberto: os capítulos inéditos da Amazônia de Pe. João Daniel. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2006, n. 43, p. 127-147

QUADROS, Eduardo Gusmão de. Luzes e sombras sobra a alma nativa: dois jesuítas expulsos da Amazônia. In <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/GT48Eduardo.pdf>.

<sup>14</sup> TOCANTINS, Leandro. Bíblia Ecológica do Padre João Daniel, introdução a: Padre João Daniel, Tesouro Descoberto no Rio Amazonas, "Anais da Biblioteca Nacional" 1975, vol. 95, t. I.

TOCANTINS, Leandro. Bíblia Ecológica do Padre João Daniel, introdução a: Padre João Daniel, Tesouro Descoberto no Rio Amazonas, "Anais da Biblioteca Nacional" 1975, vol. 95, t. I.

WRIGHT, Jonathan. The Jesuits. Missions, Myths and Histories. London: HarperCollins Publishers Ltda, 2004, p. 145